

Entre os saberes, cultura e musealização

*Darlen Priscila Santana Rodrigues*¹
Universidade de Évora

Resumo: O respectivo estudo encontra-se comprometido a fazer referências sobre a musealização de objetos de representação da cultura no Cerrado. Assim este estudo tem por objetivo maior, contemplar a importância da musealização dos saberes e cultura nos museus. Destarte este estudo terá por método um diálogo bibliográfico com autores de cunho teórico, que com suas obras, oferecem base para a compreensão desta temática. Além de discussões voltadas para a preservação e valorização, que é o papel do museu. Contudo os resultados esperados foram alcançados, frente às pesquisas feitas para a realização deste estudo, estando eles direcionados a oferecer mais conhecimento sobre o quão os recortes da exposição museológica 'Lavras e Louvores' explicitam essas características de representações sobre os saberes e a cultura. Portanto, conclui-se que este recorte expográfico pode ser visto como espaço para as expressões identitárias dos povos que habitavam o Cerrado.

Palavras-chave: museu; exposição; saberes e culturas; lavras e louvores.

RODRIGUES, Darlen Priscila Santana. **Entre os saberes, cultura e musealização.** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 9 (20): 57-72, maio a agosto de 2022. ISSN: 2358-5587

¹ PhD em História e Filosofia da Ciências, com especialização em Museologia pela Universidade de Évora, Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pela Universidade Estadual de Goiás. Museóloga, Artista Visual com especialização em Processos Criativos e Produtos graduada pela Universidade Federal de Goiás.

Between knowledge, culture and musealisation

Abstract: The respective study is committed to make references about the musealization of objects of representation of culture in the Cerrado. Thus this study has the greater objective, contemplating the importance of musealization of knowledge and culture in museums. Thus, this study will have the method of a bibliographic dialogue with authors of theoretical nature, which with their works, offer a basis for understanding this theme. Besides discussions focused on preservation and appreciation, which is the role of the museum. However the expected results were achieved, given the research done for this study, and they are directed to offer more knowledge about how the clippings of the museum exhibition 'Lavras and Louvores' explain these characteristics of representations about the knowledge and culture. Therefore, it is concluded that this expographic clipping can be seen as a space for the identity expressions of the peoples who inhabited the Cerrado.

Keywords: museum; exhibition; knowledge and cultures; Lavras and Louvores.

Entre los saberes, cultura y musealización

Resumen: El estudio respectivo se compromete a hacer referencias sobre la musealización de los objetos de representación de la cultura en el Cerrado. Así, este estudio pretende contemplar la importancia de la musealización del conocimiento y la cultura en los museos. Así, este estudio tendrá el método de un diálogo bibliográfico con autores de carácter teórico, que con sus obras, ofrecen bases para la comprensión de este tema. Además, los debates se centraron en la preservación y la apreciación, que es la función del museo. Sin embargo, los resultados esperados se alcanzaron, dada la investigación realizada para este estudio, y se dirigen a ofrecer más conocimiento sobre cómo los recortes de la exposición del museo "Lavras y Louvores" explican estas características de las representaciones sobre el conocimiento y la cultura. Por lo tanto, se concluye que este recorte expográfico puede ser visto como un espacio para las expresiones identitarias de los pueblos que habitaban el Cerrado.

Palabras clave: museo; exposición; saberes y culturas; Lavras y Louvores.

*Não há como separar o museu dos temas da memória,
da identidade e da diversidade cultural.*
(MEDEIROS, 2008)

Os museus são instituições perpetuadoras de representação e de memória. Sobre sua tutela existem bens culturais de importância social e cultural, os projetos desenvolvidos pelos museus é o que dá sentido indenitário aos museus. Essas prossecução dão sentidos de herança cultural local e nacional, logo, os museus, na era contemporânea, buscam dar sentido aos saberes, cultura e ao meio no qual a sociedade está inserida. Sentidos de identificação, preservação e valorização de bens culturais, do passado e do presente. O museu, como agente de acesso – no que se refere à acessibilidade democrática à cultura –, fortalece a imparcialidade dos sentidos socioculturais.

A Museologia² é parte importante na contribuição para a mudança sociocultural dos valores do homem, no espaço que compreende o museu com objetos museológicos. Para Desvallées e Mairesse (2013: 61):

A Museologia está se construindo como campo de conhecimento em distintas localidades – núcleos de formação e pesquisa em vários países – e instituições museais que constituem o universo de sua aplicação, instituições estas marcadas por seus contextos socioculturais. Ela vem ganhando importância e se renovando como uma (possível) ciência humana [...] – e esta é uma realidade tanto brasileira, como mundial.

Assim, a Museologia, como uma ciência aplicada, procura estudar a ciência do museu, além de estabelecer análises quanto ao seu papel na sociedade. Estudos que vão além dos aspectos tradicionais de pesquisa, conservação e de difusão. Neste sentido, atende às questões de democratização dos saberes e valorização cultural e assume um papel democrático, pois, o museu passou a construir políticas institucionais que cooperam para que acervos anteriormente pertencentes a sociedades “originárias”, brasileira possam ser mecanismo de estudo, pesquisa e etc. Para Cury (2016: 14), “devemos fazer a consulta aos povos indígenas; não há outro caminho para a construção de políticas de gestão de acervo que se propõe”. Nas últimas décadas o museu passou de ser simplesmente um lugar de fruição artística para espaço de conhecimento, difusão e de aproximação da cultura e dos saberes, e tem procurado fortalecer o direito à memória que é estabelecido pela Política Nacional de Museus (PNM)³.

As transformações ocorridas nas últimas décadas, quanto à valorização do Homem em distintas sociedades pertencentes a um território específico, são meios de explorar sentidos para a preservação dos bens culturais e naturais.

A valorização de saberes de uma sociedade, independente do tempo no qual ela está inserida, faz com que haja uma dinâmica da diversidade cultural. A existência de sociedades que habitam no mesmo território e tem formas de culturas

² “Etimologicamente, a museologia é ‘o estudo do museu’ e não a sua prática – que remete à ‘museografia’ –, mas tanto o termo, confirmado nesse sentido amplo ao longo dos anos 1950, como o seu derivado ‘museológico’” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013: 61-3).

³ Política Nacional de Museus (PNM), a criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC) e do Sistema Brasileiro de Museus (SBM) e a aprovação do Estatuto Brasileiro de Museus (Lei n 11.904/2009), que consolida uma legislação própria para a área. Em um dos seus sete eixos programáticos (BRASIL, 2013: 11).

diversas é um exemplo das dinâmicas de saberes. “É possível existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico” (LARAIA, 2001: 12).

Esses saberes são fonte e formas que podemos encontrar nos museus. Por muitos anos, o museu foi tido como “lugar para depositar coisas velhas”. No entanto, com a tutela de objetos, às instituições podem montar coleções importantes, que hoje servem para a difusão da cultura do outro, de sociedades originárias, coloniais etc. Olhando por esse aspecto, vemos que as coleções são importantes para a sociedade de modo geral, mas se não houver metodologias de acesso à contemplação do desenvolvimento de sentidos identitários e de herança cultural local, não há sentido.

O sentido se dá quando o contato com o passado influencia para que sociedades, antes marginalizadas, passam a ser tidas como prospectoras de saberes e conhecimento. A aproximação, através das exposições em museus, é determinante para que o olhar “repulsor” sobre qualquer sociedade, produto do sentimento de estranhamento, seja diferente. Alguns museus do cerrado brasileiro (de tipologia antropológica) têm algo dinâmico e interessante, pois apresentam, concomitante, exposições sobre culturas e saberes de sociedades “originárias” e contemporâneas “remanescentes” do território, além de temas relativos ao meio ambiente.

A vastidão do bioma cerrado ocupa um quinto do território brasileiro. A maior extensão encontra-se no Centro-Oeste, os subsistemas do sistema biogeográfico dos cerrados não podem ser tomados como uma unidade hegemônica. O domínio morfoclimático é diversificado pelo caráter fisionômico e pela composição vegetal, animal e subsistemas (campo, cerrado, cerradão, matas, matas ciliares, veredas e ambientes alagadiços). A diversidade dos recursos permite reunir elementos que podem ser utilizados para explicar a ocupação por populações humanas (BARBOSA, 2002: 144). A biodiversidade encontrada no cerrado foi determinante para que populações “originárias” do território pudessem habitar e/ou transitado pelo território. Vestígios arqueológicos são dinâmicos ao demonstrar como essas sociedades que viviam em meio às savanas, paisagens e etc., num período distante ou nem tanto assim. Na atualidade, sociedades “remanescentes” dos povos “originários” do cerrado são estudadas pelos antropólogos, e tais pesquisas colaboram para a disseminação dos saberes e da cultura dos povos.

Dinâmicas museológicas e patrimoniais podem motivar discussões para a educação patrimonial, a partir de experiências da Arqueologia, da Antropologia e da Paleontologia; além dos saberes patrimoniais e “fratrimoniais”, que propiciam a “[...] possibilidade de um partilha social de bens culturais de modo sincrônico na mesma época, da mesma geração” (CHAGAS, 2009: 220).

Musealização de acervo em museus

Os processos de musealização, vistos como o eixo central da construção desta área de conhecimento, por um lado, contribuem para a seleção, triagem, organização e conservação da documentalidade, testemunhalidade e autenticidade impressa nos objetos musealizados. Por outro lado, constroem novos valores e significados para estes objetos, por meio da elaboração de exposições e ação educativo-cultural. (BRUNO, 1996: 22)

Considera-se o museu uma instituição sem fins lucrativos, que possui o papel de conservar, investigar, comunicar, interpretar e expor com a finalidade de

preservação. As ações de preservação museológica estão relacionadas a procedimentos técnicos e científicos do conhecimento. O conceito contemporâneo de museu, embora esteja relacionado à arte, ciência e memória, como na Antiguidade e na Idade Média, adquiriu novos significados ao longo da história, podendo, assim, gerar os processos museológicos. As práticas museológicas desenvolvidas pelos museus se relacionam ao eixo central do conhecimento. Baseia-se nos objetos e nas coleções, podendo ser fontes de conhecimento e permitindo a investigação e possíveis significados. Os processos museológicos em museus tradicionais estão ligados a fontes primárias de entendimento na relação do homem com os objetos no museu; “a Museologia está voltada à experimentação, sistematização e teorização do conhecimento em torno da relação do homem com o objeto no cenário institucionalizado” (DUARTE CÂNDIDO, 2003: 11). Não podendo negar que esse processo é político, pois os museus convencionais se estabelecem por esse viés desde a sua origem.

O processo de musealização pressupõe a valorização dos objetos através de princípios metodológicos sistemáticos, propicia o estreitamento da mediação do público nas instituições para com os objetos e coleções, apreciadas como patrimônio cultural. Nota-se que a musealização está ligada à cadeia operatória utilizada como meio de valorização e reflexão, a concepção romântica e poética do museu é semelhante à concepção de “Musealium⁴ de Orfeu”⁵ com o olhar poético e seletivo para encontrar os significados e os valores das coisas, na imaterialidade, na cultura material e no patrimônio cultural (CURY, 2005: 23).

A musealização é uma das formas de preservação do patrimônio cultural que se inicia através da valorização seletiva no museu. A ação em torno do objeto é determinada por critérios visando à transformação dos objetos em documentos de comunicação, testemunhos do tempo e da história. Os objetos trazem consigo signos que ultrapassam gerações e contribuem no sentido de valorização da memória e cultura. Por fim, a musealização é uma forma de selecionar objetos/acervos nas instituições museológicas. Assim, a atribuição de valorização dada ao objeto pela musealização tem o objetivo final de atingir a sociedade, em sinergia, de maneira dinâmica. Entende-se que o processo de musealização inicia-se pela seleção e aquisição, desenvolvendo uma série de ações sobre o objeto. “A função do museu é desenvolver atividades de musealização e de visualização” (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013: 23). Com a musealização, os objetos são ressignificados, adquirem novos sentidos de interpretação.

Quadro 1 – Processo de musealização: Cadeia Operatória Museológica em Museu (Organizado pela autora).

Cadeia Operatória	Museu Tradicional Edifício Objeto Cenário
Aquisição de Acervo	Coleta Compra Doação
Salvaguarda	Preservação Documentação museológica
Comunicação	Ação educativa (Educação Patrimonial) Exposição

⁴ Musealium ou musealia, um “objeto de museu” que se integre no campo museal (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013: 57).

⁵ Orfeu na mitologia grega tinha várias habilidades, entre elas a de poeta, desse modo o Musealium de Orfeu seria a concepção poética sobre o museu.

Conforme o quadro 1, apresenta-se a cadeia operatória museológica, estas ações são desenvolvidas, principalmente, nos museus tradicionais, com técnicas de preservação e valorizados dos objetos e coleções.

Comunicação museológica e educação patrimonial

A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. (HORTA, 1999: 4)

A comunicação museológica é relevante por potencializar, de maneira ampla, a relação entre o homem e o objeto no cenário. A comunicação motiva os visitantes e alimenta o espírito poético, além de expandir a compreensão do público quanto à valorização dos objetos como patrimônio cultural. “A compreensão com a experiência leva o público às novas interpretações, a comunicação com caráter educativo mobiliza novas técnicas em torno das coleções, o papel do museu é de proporcionar a inserção da sociedade com os objetos musealizados” (DESVALLÉES e MAIRESSE 2013: 29). Neste sentido:

A comunicação museológica é a denominação genérica que é dada às diversas formas de extroversão do conhecimento em museus, uma vez que há um trabalho de introversão. As formas são variadas, como artigos científicos de estudo de coleções, catálogos, material didático em geral, vídeos e filmes, palestras, oficinas e material de divulgação e ou difusão diversos. Todas essas manifestações são no museu, comunicação lato sensu. No strictu sensu a principal forma de comunicação em museus é a exposição ou, ainda, a mais específica, pois é na exposição que o público tem a oportunidade de acesso à poesia das coisas. (CURY, 2005: 34)

Seguindo o pensamento Cury (2005), a comunicação museológica de fato é genérica por possuir meios e formas de atingir o público e de divulgação do museu ou acervos. Assim, podemos estreitar o pensamento de que, no momento que o visitante conhece uma exposição museológica, ele é conectado e interage com os diálogos museológicos propostos pelos curadores e museólogos. Ocorrendo um processo educacional implícito, a compreensão ou o estímulo que ocorre quando visitamos um museu resulta em algo que pode ser chamado de “alfabetização cultural”.

O instrumento utilizado na comunicação é chamado de ação educativa, que pode ser também um instrumento para a educação patrimonial. O estímulo de sentidos e compreensão do meio, ou do entorno, é o que possibilita que cada indivíduo possa se relacionar com a cultura do outro e com as diversas representações da sociedade. Desse modo, o museu ganha ou conserva o papel de um universo sociocultural, segundo Desvallées; já para Mairesse (2013), a interpretação dos objetos musealizados, através da comunicação museológica, tem caráter educativo, pois o museu proporciona diálogos e a inserção da sociedade (DESVALLÉES e MAIRESSE 2013: 29).

Nas últimas décadas muitas discussões foram levantadas sobre o papel do museu. A Declaração de Caracas (1992) estabeleceu que os museus não são apenas fontes de informações, mas que os museus devem se constituir em espaços e meios de comunicação e interação entre as sociedade e novos processos culturais (BRASIL, 2013: 112). Assim, a ação educativa desenvolve o olhar crítico, o que possibilita a reflexão sobre a realidade social, pois, ao abranger a realidade da sociedade, o caráter educativo desenvolvido nos museus promove a aproximação do homem com o bem cultural. Os museus têm um papel importante,

enquanto espaço de representação simbólica do mundo e considerando as particularidades da sociedade contemporânea, os museus devem demonstrar abertura para se reinventar (AMARO, 2019: 379).

Marandino (2008), ao dizer que o papel social dos museus é importante e que as funções estabelecidas por ele permite que ocorra a formação do indivíduo, reforça que o museu é um lugar de aprendizagem (MARANDINO, 2008: 28). Desse modo, possibilita dizer que as ações educativas são mecanismos para uma educação patrimonial que, de certa maneira, alfabetiza culturalmente um indivíduo a ponto de ele conhecer e se deparar com o seu meio sem estranhamento, assim, as novas leituras são compreendidas de maneira que ocorre uma valorização da diversidade cultural. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA, 1999: 6).

Nos museus existem muitas coleções e objetos representativos dos saberes, da cultura e do meio ambiente. O território, nesse caso, é um dos mediadores, para que a diversidade de “coisas” e objetos fosse coletada. Por vezes, essas coletas foram destinadas aos museus independente da sua categoria, e ali, se tornaram parte de coleções, não é difícil de imaginar o transtorno que isso pode causar quando analisamos as coleções, a falta de informações é preocupante. Diante deste aparente pequeno problema, os profissionais de museus são obrigados a se desdobrar para encontrar os melhores caminhos e respostas. No entanto, para suprir algumas lacunas de informações, que são encontradas nas coleções, é preciso estudar e conhecer o território, o meio ambiente, a cultural e os saberes com os quais esses objetos estão relacionados.

Em todas as áreas do conhecimento existem lacunas a serem restauradas, no entanto, na área das ciências humanas a preocupação é maior. Quando se estuda coleções antropológicas e arqueológicas uma preocupação é latente, é necessário desvendar, através de estudos de campo e de referenciais teóricas, bases para conter o anseio científico. Em alguns estudos, é necessária a comparação entre os fenômenos biológicos e culturais. A interdisciplinaridade é fundamental para os diálogos científicos, a biologia é fonte fundamental para explicar o problema sobre a diversidade do bioma. No cerrado aproximadamente a 10 mil anos, existiram sociedades locais e passantes, as sociedades nômades são exemplo disso, cujos estudos antropológicos e arqueológicos enfatizam o papel dos refúgios de populações e a inibição da dispersão, isso ocorria quando a selva ia desaparecendo (BARBOSA, 2002: 44).

Esses estudos pré-coloniais são fascinantes quando paramos para imaginar os domínios morfoclimáticos de florestas tropicais, fonte de alimentação e de refúgio de sociedades coletores e caçadores. Barbosa (2002) alega que, a cultura pode ser aqui uma variável significativa, porque brinda os seres humanos com a capacidade de armazenar e transportar alimentos, além de poder buscar *habitat* mais produtivos e de modificação rápida de um tipo dieta diferente. Outro aspecto importante, quanto às sociedades pré-coloniais, diz respeito aos hábitos de suas sociedades, como; coleta, trabalho, costumes, ritos, simbologias e etc. Assim, é instigante quando nos deparamos com objetos de tecnologias para caça, pesca, objetos de costume, como cerâmicas de uso e urnas de funeral com datação de 2.000 AP, ou aqueles mais “antigos” encontrados em exposições de museus.

É um desafio para a museologia não enfatizar a narrativa genérica ou cronológica quando se trata de sociedades pré-coloniais e etc. Como descrito por Barbosa, a cultura pode modificar rapidamente quando ocorria à inibição das soci-

idades, é importante frisar que, desde tempos remotos, as sociedades “originárias” apresentavam detalhes e nuances sobre suas características sociais e culturais. Para os museus e ações de caráter museal, é importante desenvolver discursos e narrativas, a partir das quais o indivíduo possa fazer sua leitura. A arqueologia deve ser concebida como uma forma de ler o mundo na qual não se pode (ou não se poderia) projetar ideologias.

Exposições museológicas como fragmentos dos saberes culturais no cerrado

Olhar reflexivo, ou seja, aquele que permite a percepção, a seleção, a proteção e a exposição de evidências materiais da cultura e da natureza e o domínio sobre o conhecimento de coleções e acervos, com as perspectivas de “ações interdependentes” que estabelecem a dinâmica necessária aos processos curatoriais. (BRUNO, 2008: 8)

Em terras planas, chapadas, serras, depressões (terrenos planos levemente inclinados) e planícies encontra-se o cerrado. De matas variadas, a vegetação é apresentada sob diferentes formas. As árvores podem estar mais ou menos próximas entre si, em ambiente úmido ou seco, alternadamente nos campos de plantas rasteiras e florestas.

Na historiografia dos viajantes europeus, tal vegetação foi descrita com estranhamento. “Os troncos dessas plantas, entretanto, eram mais grossos, seus galhos mais retorcidos e suas folhas maiores. Um exame mais atento fez ver que os arbustos eram os mesmos encontrados por todo o campo” (SAINT-HILAIRE, 1975: 59). Poderíamos dizer que era o patinho feio dos biomas brasileiro. O cerrado consegue resistir às chamas do fogo, pois, as plantas rasteiras renascem após as queimadas no solo antes tido como pobre devido a sua acidez, e, quando chega às chuvas, aquela vegetação que se pensava ter morrido ressurge. As águas correm para o rio, o cerrado é o grande divisor de águas entre chapadões e planaltos, e os rios correm pelo território. O Araguaia tem seu destaque, é um dos mais extensos rios no Brasil. Nasce na Serra do Caiapó, em Goiás. O nome Caiapó também foi descrito pelos viajantes ao denominar a sociedade Caiapó que viviam na região de Goiás durante a colonização dos portugueses na capitania de Goyaz, no século XIX, “com a intenção de subir a Serra Dourada, visitar a Aldeia de S. José, habitada pelos índios da nação dos Caiapós” (SAINT-HILAIRE, 1975: 59).

O rio nasce em Goiás e solta suas águas no Rio Tocantins, na região norte do Brasil. No meio do trajeto, divide-se em dois e forma a Ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo, que também é um território habitado por sociedades indígenas. Sociedades estas que estão representadas, de alguma maneira, nos museus, através da cultura e dos saberes adquiridos ao longo do tempo. O povo Iny⁶ enxerga o rio como um lugar simbólico, pois, “o mito de origem” dos Karajá têm o rio Araguaia como um eixo de referência mitológica e social” (LIMA FILHO, 2006: 136). O rio, para a sociedade indígena Karajá, tem significados sociais e culturais.

Neste sentido é que realiza, neste artigo, a proposta de apreensão dos saberes, da cultura e do meio ambiente como forma de representação do cerrado e dos povos nos museus. Utilizaremos, como exemplo, o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás.

⁶ “O povo Iny habita as margens do rio Araguaia, a sociedade é formada pelos Karajás, Javaé e os Xambioá e fazem parte do tronco linguístico Macro-Jê. A população conta com aproximadamente Três mil pessoas. Os Iny são reconhecidos pela diversidade e riqueza da sua arte e cultura material.”

O Museu Antropológico (M.A) da UFG foi criado em junho de 1969, e foi inaugurado em 5 de setembro de 1970. O Museu Antropológico exerce suas ações e atribuições de acordo com o que está disposto no Estatuto de Museus, LEI Nº 11.904, de 14 de Janeiro de 2009. Tal legislação institui o museu como uma instituição sem fins lucrativos, aberta ao público, e que se destina à coleta, inventário, documentação, preservação, segurança, exposição e comunicação de seu acervo. Exercendo seu papel, o M.A tem por objetivos apoiar e desenvolver pesquisas; salvaguardar e fazer cumprir a função a partir da cadeia operatória museológica; além de desenvolver estudos sobre a vida do Homem na região centro-oeste. A partir do processo de musealização, desenvolvido na instituição, o museu tem um papel importante no desenvolvimento dos projetos de salvaguarda do patrimônio imaterial do povo *Iny*, os Karajá “o processo de musealização pressupõe a valorização dos objetos através de princípios metodológicos sistemáticos, propicia o estreitamento da mediação do público nas instituições para com os objetos e coleções, apreciadas como bem cultural” (RODRIGUES, 2016: 29).

Alguns recortes específicos, especialmente os observados no projeto expográfico da exposição *Lavras e Louvores*⁷, nos faz pensar sobre a paisagem do domínio morfoclimático do cerrado e de suas características próprias: sociais, culturais e ambientais; o que remete a uma educação patrimonial sobre as trajetórias do território, quanto aos povos nômades, os primeiros habitantes, a natureza, entre outros.

Figura 1 – Canoa indígena. **Foto:** Darlen Rodrigues, setembro de 2014.



Como mencionado anteriormente, sobre a relação das sociedades indígenas com o rio Araguaia, noutra perspectiva, a historiografia sobre o rio Araguaia é vasta, desde a chegada dos colonizadores, passando pela importância do rio para a agropecuária nos séculos passados. Além disso, algo de grande importância é pensar na preservação do rio para a posteridade. Neste sentido, a instalação expográfica do Museu Antropológico remete ao cerrado e à sua paisagem, e a menção ao rio, através da canoa apresentada na imagem acima, se encontra representada na entrada do percurso da exposição *Lavras e Louvores*.

⁷ “Inaugurada em dezembro de 2006, *Lavras e Louvores* foi pensada para estimular a discussão sobre a região Centro-Oeste, da perspectiva da construção simbólica das identidades regionais: o conjunto de imagens, sentimentos, símbolos e objetos significativos da construção dessa identidade”.

Figura 2 – Topografias sobrenaturais (painel). **Foto:** Darlen Rodrigues, setembro de 2014.



O painel de topografias mostra algumas especificidades encontradas no cerrado, que são detalhadas nas descrições dos viajantes no século XIX. No olhar dos naturalistas, os arbustos eram tortos e retorcidos, o solo pedregoso e arenoso. Sabemos que o cerrado não é somente isso, entre troncos retorcidos, chapadas e planaltos encontram-se uma biodiversidade única no mundo e uma diversidade de comunidades tradicionais importantíssima do ponto de vista da cultura. Por este viés, a exposição também apresenta formas e culturas das sociedades do sertão, o objeto exposto produz um efeito ao público, o signo contribui para a compreensão (HERNANDEZ, 1998: 202-3). Objetos do homem e da mulher da roça são destaques durante o percurso expositivo. Alguns desses recortes, expressivos das produções artísticas desses povos, dizem muito sobre como estas sociedades conseguiram sobreviver em meio ao descampado e chapadas.

Figura 3 – Fogueira/De pedras, plantas e bichos. **Foto:** Darlen Rodrigues, setembro de 2014.



O uso da cenografia, durante o percurso da exposição, aproxima o visitante de uma interpretação individual. As interpretações podem ser variadas, múltiplas de sentido e de questionamentos. “Os recursos denominados expográficos são variados. Textos, legendas, ilustrações, fotografias, cenários, [...] compõem um conjunto de elementos enriquecedor da experiência do público” (CURY, 2005: 46). Na contemporaneidade, as sociedades tradicionais são tidas como a representação atual da sociobiodiversidade, como conhecedores e guardiões do patrimônio ecológico e cultural do território regional. No bioma Cerrado encontram-se mais de 80 etnias. Já os povos e comunidades tradicionais abrangem quilombolas⁸, geraizeiros⁹, vazanteiros¹⁰, quebradeiras de coco, entre outros, que vivem no Cerrado, o conservam e respeitam. A cultura dos povos tradicionais ou do homem e mulher do sertão são representadas na forma dos seus objetos de uso cotidiano, assim como os das comunidades indígenas.

Figura 4 – Objetos do cotidiano. **Foto:** Darlen Rodrigues, setembro de 2014.



Objetos em uma exposição tem o papel de fazer refletir as questões que nos remetem ao passado, desse modo, eles são repletos de sentidos, significados e memórias, não há dúvidas. A identificação visual que ocorre entre os visitantes e os objetos antigos que, anteriormente, grande parte da sociedade utilizou no seu cotidiano, leva o visitante a conhecer, interpretar e a ter um momento nostálgico do tempo da roça, da casa da vovó etc., Desse modo, também são feitas avaliações de como a cultura mudou. Cuche (1999) faz uma observação quanto a al-

⁸ Descendentes de negros escravos refugiados em territórios denominados “Quilombos”.

⁹ População que vivem no cerrado localizado ao norte de Minas Gerais.

¹⁰ População que tem a vida ligada ao rio.

guns aspectos da cultura, que se transmite, segundo o autor, como genes. Cada indivíduo se apropria de sua cultura progressivamente no curso da vida e, de qualquer maneira, não poderá adquirir toda cultura do seu povo (CUCHE, 1999: 88).

A cultura do outro é fascinante aos olhos de quem se desprende de conceitos e preconceitos. O diálogo expositivo faz com que ocorram possibilidades de trocas entre o passado e o presente, é quando a interação com a cultura do passado toma o caminho do equilíbrio e do autorreconhecimento, o que possibilita o olhar crítico e social e, enfim, ocorre a valorização da cultura e dos saberes. Disponibilizar objetos que representam a cultura popular no museu é dar visibilidade ao bem cultural, pois, “é nos museus que se visualizam novas possibilidades de atuação dinâmica junto à sociedade” (OLIVEIRA, 2012: 26).

Figura 5 - Objetos de cerâmica /Linhagem. **Foto:** Darlen Rodrigues, setembro de 2014.



Entre todos os recortes sobre a vida do homem no centro-oeste, desde os tempos remotos dos primeiros habitantes, a exposição *Lavras e Louvores* relaciona os povos e culturas socialmente, e enfatiza os saberes do homem e da mulher que habitam o território. Estes saberes são apresentados em forma lúdica e sensorial, nunca deixando de lado as marcas de um povo. As tradições e os saberes que formaram a cultura do centro-oeste são destaques no discurso expográfico.

Neste aspecto, a figura 05 demonstra que as comunidades tradicionais indígenas também contribuem para o discurso e a prática sobre a vida do homem no centro-oeste. Os objetos de cerâmica são apresentados como instrumento de valorização e preservação da cultura indígena.

Em 2012, o povo Karajá teve seus saberes e práticas relacionados ao modo de fazer as bonecas de cerâmica - ritxoko (fala feminina) ou ritxoo (fala masculina) - reconhecidos como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O reconhecimento federal demonstra o grande valor que a cultura Karajá possui para a identidade de nação brasileira. (MUSEU - MATERIAL DE DIVULGAÇÃO, 2016: s/p)

O ciclo da vida, a cosmologia e os mitos são representados através da arte e da cultura material. Os objetos também são tidos como meio de resistência, logo, os diálogos em torno dos saberes contribuem para que parte dos saberes Karajá seja reconhecido como patrimônio cultural do Brasil.

Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou analisar o museu como um lugar de diálogos e de compreensão e pode-se dizer, que o museu cumpre o seu papel, estabelecido na Declaração do ICOM de 1958 que impulsionou discussões sobre a função educativa dos museus, destacando o caráter educacional intrínseco aos museus, através das exposições, mediante vínculo entre a instituição museológica e a sociedade (BRASIL, 2013: 17). Entretanto, por outro olhar, podemos ver o museu como um emancipador de culturas, que, com seus recortes e repetições de discursos, exerce um importante papel social.

De um modo geral, a musealização que ocorre nos museus é um fator que possibilita o estreitamento entre a instituição e o público, o tema da exposição em si, estimula o interesse da sociedade, a exposição *Lavras e Louvores* estimula os visitantes a um pensamento crítico, além de valorizar o patrimônio cultural regional.

O museu é um canal, o meio para que diálogos sobre a preservação dos saberes e da cultura do homem. Introduzir temas sobre a cultura de um território traz importância e potencializa o diálogo de preservação e valorização da cultura. A valorização dos saberes influencia a autoestima de sociedades que, muitas vezes, são desqualificadas por pertencerem a culturas diferentes.

Admite-se que o museu, pode-se tornar um lugar para o discurso de resistência e que também contribui com mudanças socioculturais, ampliando o olhar em direção a novas discussões, sendo elas sobre a cultura, saberes ou, simplesmente, sobre o meio ambiente deste ou daquele povo contribui no processo de aprendizagem. Inquietações devem surgir para que a noção de preservação seja completa e coletiva, isso o museu tem buscado fazer.

Dada à importância do tema, torna-se necessário o desenvolvimento de projetos que visam análise sobre mediação e ações educativas, que possam desencadear discussões sobre a representação do Cerrado e as representações culturais a partir das exposições museológicas.

Nesse sentido, pode-se dizer que esse estudo possibilitou ampliar o olhar quanto a representações do cerrado, a partir dos objetos museológicos que compõem a cultura e paisagem do Cerrado.

Recebido em 16 de março de 2021.
Aprovado em 27 de abril de 2022.

Referências

- AMARO, Gonçalo de Carvalho. Museus, objetos arqueológicos e comunidades indígenas: ainda há uma luz ao fundo do túnel. *Conimbriga*, 58: 367-395, 2019.
- BARBOSA, Altair Sales. *Andarilhos da Claridade: os primeiros habitantes do Cerrado*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás. Instituto do Trópico Subúmido, 2002.
- BRASIL. *Legislação sobre museus*. Brasília: Edições Câmara, 2013.
- BRASIL. “Declaração de Caracas, 1992”. In: BRASIL. *Legislação sobre museus*. Brasília: Edições Câmara, 2013.
- BRASIL. “Declaração do Rio de Janeiro, 1958: Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, no Rio de Janeiro, 1958”. In: BRASIL. *Legislação sobre museus*. Brasília: Edição Câmara, 2013.
- BRASIL. “Declaração de Santiago, Chile, 1972”. In: BRASIL. *Legislação sobre museus*. Brasília: Edição Câmara, 2013.
- BRASIL. “Lei nº 11.904, de 14 de Janeiro de 2009”. In: BRASIL. *Legislação sobre museus*. Brasília: Edição Câmara, 2013.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar. *Cadernos de sociomuseologia*, 9 (9): 1996.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Definição de curadoria: os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. *Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curatorias, exposições, ação educativa*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.
- CURY, Marília Xavier. *Direitos indígenas no museu – Novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervos em discussão*. São Paulo: Secretaria da Cultura; ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016.
- CHAGAS, Mario de Souza. *Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Minc/IBRAM, 2009.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro. *Cadernos de sociomuseologia*, 20 (20): 2003.

HERNÁNDEZ, Francisca. *Manual de Museología*. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. “O que é, afinal, a Educação Patrimonial”. In: HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz (orgs.). *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. “Karajá de Aruanã”. In: MOURA, Marlene Castro Ossami (org.). *Índios de Goiás, uma perspectiva histórico-cultural*. Goiânia: Ed. da UCG/Ed. Kelps, 2006. pp. 135-152.

MARANDINO, Marta. *Educação em museus: a mediação em foco*. São Paulo: Geenf / FEUSP, 2008.

MEDEIROS, Natacha Bueno. Educação Patrimonial em museus de arqueologia: o patrimônio cultural ao alcance da sociedade. *Anais - I Encontro de arqueologia de Mato Grosso do Sul - Arqueologia Histórica de Mato Grosso do Sul*. 2009.

OLIVEIRA, Vânia D. de. A rede de museus de folclore: lugares da vontade de memória da campanha de defesa do folclore brasileiro. *Revista Musear*, 1 (1): 2012.

RODRIGUES, D. P. S. “Ponteando...” *Ecomuseologia e Musealização: Análise sobre a Vila Esperança*. Monografia, Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, 2016.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *1779-1858. Viagem à província de Goiás*. Tradução de Regina Regis Junqueira; apresentação de Mario Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

*A Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste
recebe o ano inteiro, em*

**FLUXO CONTÍNUO,
artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).**

*Interessados na submissão de trabalhos e
também em atuar como*

pareceristas

podem realizar seus cadastros em

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno>

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso